

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Pereira Fontinha

registada em 2008-09-25
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

António Pereira Fontinha

António Pereira Fontinha nasceu em Chãs d'Égua, a 24 de Março de 1939, mas veio para Foz d'Égua com 4 ou 5 meses. O pai era António Pereira Fontinha e a mãe Maria da Conceição Pereira e ambos trabalhavam no campo. Teve oito irmãos. António foi para a escola, em Chãs d'Égua, com 6 anos. Fez lá a terceira classe, aos 9 anos. Depois teve de ir trabalhar, “porque a vida era dura”. A quarta classe tirou-a na tropa. Nos tempos da escola, “ia tratar do gado, ceifar erva para o gado, enfim, várias tarefas”. Aos 12 anos, começou a ir trabalhar para umas quintas, onde estava durante nove meses. Até que aos 15 anos foi para Lisboa, dar serventia a pedreiros até aos 18 anos. Decidido a arranjar uma coisa melhor foi empregado de balcão, em Alcântara. “Comprava o ferro-velho e vendia.” Aos 20 anos foi para a tropa, foi chofer de um General. Depois foi mobilizado para a Índia, onde esteve prisioneiro durante cinco meses. De regresso a Portugal, voltou para Lisboa. Trabalhou na estiva no porto de Lisboa, a carregar e descarregar navios. Depois trabalhou em empresas da CUF: numa fábrica das farinhas de milho e na Compal. Mais tarde foi para a Lisnave, trabalhar como motorista, na secção de Transportes. Em 1982, comprou um táxi, no Cacém. E foi essa a sua vida até 2000, quando vendeu a firma e regressou “às origens, com 63 anos”. A esposa já a conhecia desde a infância, mas foi em Lisboa que o namoro começou. Namoraram durante dois anos e foi na igreja São Francisco Paulo, em Lisboa, que casaram, no dia a 26 de Julho de 1964. Tiveram um filho.

Índice

Identificação António Pereira Fontinha.....	4
Ascendência António Pereira Fontinha e Maria da Conceição Pereira.....	4
Educação "Uma vida dura".....	5
Religião "Uma maneira de sair".....	7
Casa "Uma casa modesta".....	8
Namoro "Às escondidas".....	9
Casamento Um casamento bom.....	10
Percurso profissional À procura de melhor.....	10
Costumes Adeptos da confraternização.....	18
Lugar Um olhar sobre o passado.....	20
Filosofia Uma maneira de ver e de preservar.....	22
Sonhos Para a frente é que é caminho.....	22
Avaliação Valorizar o património.....	23

Identificação *António Pereira Fontinha*

Sou António Pereira Fontinha. Nasci em Chãs d'Égua, mas vim para Foz d'Égua com 4 ou 5 meses. Nasci a 24 de Março de 1939.



António Pereira Fontinha (1961)

Ascendência *António Pereira Fontinha e Maria da Conceição Pereira*

O meu pai era António Pereira Fontinha e a minha mãe Maria da Conceição Pereira. Trabalhavam no campo.

"Fonte de Alimentação"

Os meus pais tinham campos em volta da casa e havia outro em cima. A minha mãe era dos Chãs d'Égua e herdou terrenos lá nos Pés Escaldados. Tínhamos ali uma quinta que se chamava a Cruz e lá se ia ao mato. O milho, feijão, as uvas, tudo o que se criava lá trazíamos às costas lá de cima dos Pés Escaldados, até aqui, para a Foz d'Égua porque não havia estradas não havia nada.

Os porcos era o que as pessoas tinham para ir comendo com o feijão e assim. Salgavam a carne numa salmoura e depois iam tirando. Salmoura é uma arca, feita em madeira, onde dantes se salgava os porcos. Dantes não havia frigoríficos, não havia nada. Então, salgava-se ali a carne toda. Matava-se o porco, ia tudo para a salmoura. Ficava enterrada no sal e ali se mantinha enterrada e ia-se comendo dali. Ia-se cortando, ia-se tirando. Os chouriços metiam num pote de barro. A minha mãe fazia o chouriço. Fazia o enchido e depois metia numa talha grande de barro. Até tenho, ainda anda aqui. Ali é que punham os chouriços em azeite e mantinha-se ali chouriços. Derretiam as banhas e fritavam os lombos. Parte das costelas eram fritas, passadas pela frigideira. Naquela banha também é que conservavam para o ano todo. Às vezes, os mais novos íamos lá roubar um chouriço à minha mãe e tal, era assim a vida.

Tinham cabras, ovelhas, gado. Faziam muito queijo na altura. Todas as famílias tinham a sua fonte de alimentação. A base principal era o milho. Era o milho, feijão, as batatas, enfim, cultivava-se um pouco de tudo. Plantava-se couves. Porque aqui não havia nada a vender, naquela altura. O milho era para se fazer a broa. Cozia-se uma vez por semana e dava para toda a semana. Íamos ao moinho, moíamos o milho, trazíamos a farinha e era cozida no forno. Tinha um forno que é ao lado de onde está agora o empreendimento do meu irmão. O moinho era numa quintita que a gente tem que era a Ponte Cimeira. Ainda existe lá esse moinho. Agora já não é necessário ir lá moer a farinha.

Educação "*Uma vida dura*"

Eu fui à escola. Ia daqui da Foz d'Égua para os Chãs d'Égua. Fiz lá a terceira classe. Fui para escola com 6 anos. Andei lá até aos 9. Depois tive que vir trabalhar porque isto a vida era dura. Havia muito que fazer e não nos deixavam andar na escola.

Demorávamos cerca de uma hora. Subíamos ali para cima, por aquele caminho "pia fora"¹ depois chegávamos ali aos Pés Escaldados, subíamos a pique por ali a cima e íamos lá para a escola. A escola é agora onde está o Centro de Interpretação da Arte Rupestre. A pé, sozinho. A quarta classe já tirei na tropa.



Declaração do exame da 4ª classe (3 Julho de 1971)

Uma régua com cinco furos

Naquela altura gostava pouco da escola, de início. Agora os miúdos vão para a escola já vão preparados. A gente ia para a escola não sabia nada. Depois vá, tarefas, reguadas em cima.

Lembro da professora. Era uma senhora. Só na escola é que era má, fora da escola era boa. Quando ela batia, tinha lá uma régua que tinha cinco furos, dava uma reguada com aquilo até tremia. A professora batia muito, fuge! Era com cada reguada nas mãos até ficavam encarnadas. Porque a gente não sabia.

¹por aí a fora

Ela queria que a gente aprendesse à força, a gente não sabíamos. Era porrada por cima do corpo.

Nem era canetas, nem era papel, a gente para escrever era numa pedra. Havia umas pedras antigamente que tinha um quadrozinho. A gente levava aquilo e com lápis de pedra é que escrevíamos, é que fazíamos lá as coisas. Depois é que para fazer as cópias e tal é que tínhamos uns cadernos para corrigir. Fazíamos as contas e ali é que fazíamos tudo.

A cana

Uma vez a professora pediu-me para levar uma cana. Aqui havia muitas canas assim altas e eu levei. Levei a cana que era para ela bater lá ao pessoal e o primeiro a levar com ela fui eu. Porque portei-me mal. Era cana dessas que há aí. Assim uma cana grossa. Arreava cada cacetada com aquilo.

"Ajudava naquilo que podia"

Naquela altura havia muitas crianças. Aí umas 20 e tal crianças. Tínhamos brincadeiras de miúdos. À porrada uns com os outros. Brinquedos era pegarem num podão e numa corda e ir ao mato para o gado.

Antes de fazer o caminho, quando os meus pais tinham o gado ali nos Pés Escaldados, ainda tinha que ir tratar do gado. Depois é que ia para a escola. Saía às seis e tal, sete horas, seguia para a escola e depois vinha outra vez por lá. Tinha que tratar do gado e às vezes ainda ia ao mato, era assim a vida. Ajudava naquilo que podia. Ia tratar do gado, ceifar erva para o gado, enfim, várias tarefas.

Religião "Uma maneira de sair"

A doutrina era no Piódão. Ia lá por o caminho, "pia fora"². Aqui não havia outro caminho. Era só a pé o trajecto. Aqui não chegavam carros. Mais perto onde chegavam os carros era a Vide, a 9 quilómetros. Quem nos ensinava eram umas senhoras lá do Piódão. Não me lembra bem mas havia parece que era sábados e domingos porque por a semana tinha que se trabalhar, não havia. Os primeiros passos aprendi o Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha, assim tudo. De resto não me lembra assim. Lembro do padre que me deu a Primeira Comunhão. Foi o padre Ilídio Santos Portugal. Era ali de Celorico da Beira. Era o pároco que

²por aí fora

estava aqui entregue ao Piódão, à freguesia. Já faleceu coitado. Ele depois daqui foi paroquiar uma freguesia ali para Maiorca e lá ficou a vida dele toda, acabou por falecer lá.

Aqui a Foz d'Égua não tem cá nenhuma capela. Temos o Santo António, temos em cima uma santinha que é a Senhora de Fátima. A missa era só no Piódão. Todos os domingos íamos à missa. Éramos obrigados pelos meus pais que faziam levantar cedo para ir. Íamos com mais gentes. Mas a gente até gostava, que era a única maneira de sair daqui. Íamos todos contentes à missa.

Casa "*Uma casa modesta*"



António Fontinha, com 10 anos, e sua irmã Alice (Piódão, 1949)

Lembro perfeitamente da casa dos meus pais. Era uma casa modesta, pronto. Para a altura até era boa. Tinha três quartos, uma sala e cozinha. Uma despensa, sótão e cave. Tinha outra ao lado que era pequenina, que tinha mais um

quarto e por baixo era onde se criava o porco. Tive oito irmãos, mas infelizmente já falecerem três. Dormiam uns com os outros os mais novos. Depois outros dormiam ao lado, nessa casita. Lá no espaço debaixo, armaram ali uma cama na loja e assim se vivia. Não havia luz. Era a luz de um candeeiro a petróleo. Íamos cedo para a cama. Por isso é que as pessoas antigamente tinham muitos filhos, não é? Não havia televisão, não havia nada!

Histórias dos antigos

Contava-se histórias. Às vezes eram sempre as mesmas. Histórias de antigos, de lendas. Era o que o meu pai contava, que já tinha ouvido aos pais dele, enfim, várias.

Pedro Lourenço e o Urso

Por exemplo aqui a gente tem um bardo, que até era para recuperarmos para os turistas, e ele disse que antigamente havia muitos ursos. Que os ursos é que comiam as abelhas. Então, faziam estes bardos para resguardar as abelhas. A uma determinada altura, diz que andava lá um urso a atacar as abelhas e vinha um senhor ali do cimo do cabeça, que é dianteira ali das casas do Piódão e diz que tinha lá um tal Pedro Lourenço e que lhe disse:

- "Ó urso come-as todas."

E o urso largou a abelha e diz que foi atrás dele até à Verdomeira), ao pé do Piódão. Diz que se meteu lá num palheiro e o urso passou. Então, diz que lá no caminho aqui da Foz d'Égua para o Piódão que iam umas pessoas e viram esse trajecto do Pedro Lourenço e do urso. Mas não chegou a ser atacado. Essa era uma das que eles contavam.

Namoro "Às escondidas"

Já conhecia a minha esposa na infância. Depois ela foi para Lisboa com os pais, eu também estava lá e pronto. Sinceramente não me lembro como é que foi. Namorámos aí uns dois anos. Era às escondidas. Não é como é agora. Trocávamos cartas, mas estávamos por ali também perto. Eu vivia ali ao lado. Depois acabei por morar lá em casa dela também.

Casamento *Um casamento bom*

Pedi em casamento a ela primeiro e depois ainda se usava pedir aos pais. Casei a 26 de Julho de 1964. Sou casado já há 44 anos. Foi em Lisboa, na igreja São Francisco Paulo. Fomos comprar as roupas e as alianças. Depois fomos lá à igreja. Fomos almoçar a um restaurante ao pé do Arieiro, na Avenida de Paris. E foi bom. Sei que levava um fato, já não sei que cor era. A minha esposa ia vestida de branco.

"Dois netinhos lindos"

Tenho um filho. Esteve lá em Lisboa, depois veio para aqui, para a Foz d'Égua. E agora está cá também, casou. Tenho dois netinhos lindos. É uma menina e um menino. São espectaculares.

Percurso profissional *À procura de melhor*

De sol a sol

Aos 12 anos, havia aí uns senhores que contratavam pessoas aqui na zona para ir trabalhar para o Ribatejo. Lá para umas quintas que eram dos grandes senhores de Condessa e assim. Então, íamos para lá nove meses. E fui.

Aos meus 12 anos fui para lá, para a Quinta das Virtudes. Era uma quinta que havia junto a Santa Margarida, pertencia à Lagoa Alva. Aquilo era trabalhar de "sol a sol". O primeiro ano, antes de nascer o sol já tinha que ter um barril de água lá onde as pessoas iam trabalhar, para elas beberem logo de manhã e para fazerem o comer. Tínhamos que ir à água com um barril às costas.

Cheguei lá, qual foi o meu espanto, davam para a gente comer por mês, 30 quilos de farinha, 5 litros de feijão, 5 litros de azeite e mais nada, não havia mais nada. A farinha era para fazer papas, comíamos papas. O feijão para termos algum dinheirito, ainda o íamos vender. Só comíamos o azeite e as papas, sempre ali todo o mês. Aos domingos é que era rancho melhorado. Como era ali ao pé do Santa Margarida, do quartel da tropa, íamos lá. Pedíamos comer do deles e comíamos, era assim.

Andei ali nove meses e ao fim dos nove meses trouxe, pelo dinheiro antigo 900 escudos. Foi o que trouxe para os meus pais. Era uma ninharia para aquilo que se fazia. Eu trabalhava ainda mais. As pessoas que iam para lá o primeiro ano, tinham que acartar água às costas com o barril. Ao segundo ano já não.

No ano seguinte, fui para uma quinta ali ao pé do Carregado. Era a Quinta do Pinheiro. Nessa segunda quinta, a única coisa que tinha que fazer de extraordinário, antes de nascer o sol, era varrer lá o quartel onde a gente vivia. Já não ia à água. Ia arranjar lenha lá para eles fazerem o comer e a trabalhar com os outros as mesmas horas. Ali a cavar vinhas, a cortar mato, a fazer tudo. Ao fim dos nove meses aí já trouxe 1300 escudos, salvo o erro. Tinha 14 anos.

Voltei para outra quinta que era ali ao pé dos Cadafais, ao pé do Carregado. Era a Quinta da Granja. Aí já era melhor. Já não davam aquela farinha. Já a gente fazia o comer. Davam hortaliças, era melhor. Mas também se tinha que trabalhar de "sol a sol", enfim. Andei lá os nove meses. Aí já se ganhava melhor. Trouxe uns 2000 e tal escudos para os meus pais. Já comprávamos pão, era outra maneira de vida.

De servente a empregado de balcão

A seguir fui para Lisboa, com 15 anos. Fui dar serventia a pedreiros. Isto até, mais ou menos, aos 18 anos, parece-me a mim. Andar sempre ali, feito escravo toda a vida, decidi arranjar uma coisa melhor. Arranjei um trabalho ali em Alcântara, para empregado de balcão a comprar ferro-velho. Comprava o ferro-velho e vendia. Foi o meu sogro, o pai da minha mulher que me arranjou para ir trabalhar para lá.

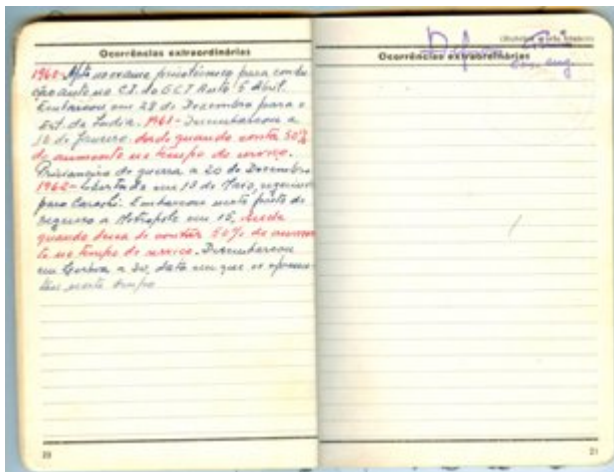
Nessa altura comprei umas peças que era da Junta Autónoma das Estradas. Depois foram lá os polícias, apanharam aquilo, ainda tive que ir responder à Boa Hora. Pronto, passou-se. Isso foi uma peripécia da minha vida.

Tropa atormentada

Aos 20 anos fui para a tropa. Assentei praça no dia 1 de Abril no TREN Auto em Lisboa, que agora é uma universidade. Fui tirar a carta ao CICA 3 a Elvas. Voltei ao TREN Auto, estive na garagem militar. Andei lá de chofer de um General. Depois fui mobilizado para a Índia.

Embarquei a 28 de Dezembro, cheguei lá a 16 de Janeiro. Fui pelo Canal Suez, por ali pelo Porto Said. Fiz lá o meu percurso, era motorista. Ainda sei o primeiro comer que comi quando lá cheguei. Foi bacalhau à Brás. Desembarquei em Mormugão, em Vasco da Gama. Depois fiquei nessa cidade,

assim um bocadinho desviado, junto ao aeroporto, na Companhia de Manutenção e Material. Em Mormugão também. Ali era Altomangore).



Caderneta militar (1960-1962)

A emboscada

A 19 de Dezembro, foi quando houve a invasão. A gente tinha várias posições, vários pontos estratégicos em que tínhamos homens e armamento para a defesa. Então mandaram-me lá a um sítio para eles se renderem e para partirem o mais possível o armamento. Era a ordem que havia. Eu fui lá. Quando vinha de regresso a Vasco da Gama, que era a Curtali, fui apanhado por os indianos. Eram sete com o dedo no gatilho em volta de mim e eu com as mãos no ar. Meteram-me dentro do jipe e fizeram-me ir mais uns 100 quilómetros, até Pondá.

A fuga

Passei lá das boas. Houve três oficiais portugueses que tentaram fugir. Em Vasco da Gama estavam sempre lá 20, 30 barcos a carregar minério, para as siderurgias, para trazerem de lá para fora. Então, fugiram para um cargueiro italiano lá em Mormugão. O indivíduo do cargueiro deu-lhes de

comer e comunicou para o campo que eles estavam lá. Foram lá buscá-los. À gente andámos lá, dois dias e uma noite, sempre em formaturas. Depois de estar uma noite inteira, se alguém se mexia assim, levava uma coronhada logo nas costas. Sofremos ali. A eles fizeram-nos andar a pé, com armas em baioneta e picavam-nos. Ali pelo campo todo para o pessoal ver. Os pés já deitavam sangue e eles a picar.

Regressei a Vasco da Gama. Trouxe-os, que eles não sabiam conduzir. Quando lá cheguei estavam os meus colegas todos atados. Já os tinham trazido para o estaleiro naval. Estavam todos atados de dez em dez, nas mãos, e assim ficámos. Também mataram um grupo que estava lá. Ao outro dia à tarde, e a malta sem comer nada, levaram-nos para o campo de concentração. Chegámos ao campo de concentração, que era uma zona que havia lá de armazéns que pertencia lá à tropa que era em Alperqueiros, havia sete carreiras de arame farpado em volta. Os indivíduos que apanharam a gente, os primeiros foram os Sikh's, que são aqueles indivíduos que nunca cortaram o cabelo e a barba na vida deles, que usam um turbante. Estavam assim de 20 em 20 metros com uma metralhadora e gente entrou lá para dentro. Estivemos ali a noite toda em formatura, sem comer nada, para contarem o pessoal. Só levámos a roupa que tínhamos no corpo. Ao outro dia, deram-nos um arroz só cozido na água, sem sal, sem azeite, sem nada. Daí para a frente, o comer era arroz a uma refeição e feijão-frade à outra. Foi no tempo todo que lá estivéramos. Sem sal, sem azeite, sem pão, sem nada. Ali íamos, com uma marmita que eles nos deram e uma colher e comíamos aquilo. Não havia outra coisa, tínhamos que comer. Dormir era no chão. Lembra-me que arranjei lá uma tábua e dormia em cima de uma tábua. Depois de cinco meses parecia que estava a dormir num colchão da Molaflex.

Escolheram cinco motoristas portugueses para conduzir os camiões para levar o pessoal para ir arranjar as pontes. As coisas que se derrubaram, depois tivemos que reconstruir aquilo tudo. E eu, escolheram-me para ir para a Intendência. Um Furriel que era meu amigo foi escolhido para ir buscar os géneros para a gente e para a tropa indiana. Lá é que se fazia o comer e a gente ia buscar ao nosso armazém. Eu ia mais três escoltas, às vezes quatro, o Sargento e o Furriel que falava bem inglês. Íamos buscar lá o comer e tal. Depois comecei a apanhar confiança lá com o indiano, chamava-se Kassam, nunca mais me esquece. Ainda trouxe o endereço, ainda lhe escrevi uma vez, mas nunca mais. Apanhámos confiança com esse, que era o que mandava lá no armazém e com o outro. Eu chegava lá, já me abastecia daquilo que queria e tudo. E como eles nunca beberam nada na vida, é a Lei Seca lá, a gente tinha lá muito vinho que ia daqui, ia lá abria um garrafão dava-lhe a beber, pfuuu! Apanhavam cada

"cega"! Comíamos lá às vezes, quando a escolta era boa, que era lá da cor do indiano. Éramos muito amigos. Eu chegava lá, comecei a aprender, a "arranhar" em inglês, sabia o que era as coisas, o nome das cebolas, o nome das batatas, o nome disto, o nome daquilo e chegava lá a aviar-me, digo eu assim:

- Kassam tantos quilos disto, tantos daquilo já levo aqui.

Era assim. Era mesmo amigo dele. Ia buscar os géneros para dar o comer aos portugueses e também trazia o comer para os indianos, lá do armazém. Depois, lá para o campo, para mim e para os meus amigos, trouxe um fogãozinho que havia lá. Ligado à luz e lá o tínhamos escondido. Conduzia uma Ford que tinha um grande armazém por baixo do meu acento e trazia ali as coisas. Ovos, batatas e tal nunca faltava. Ali para o pessoal amigo havia sempre. Já não íamos lá ao arroz. Íamos, mas não comíamos. Apanhei lá grandes sustos. Às vezes, topavam-me, a escolta, e faziam-me lá estar horas e horas, com as mãos no ar e eles com o dedo no gatilho. Depois lá vinha o Furriel e os outros amigos lá na Intendência, os indianos, lá salvavam aquilo.



Rupia assinada pelos colegas prisioneiros de guerra no campo dos Alperqueiros na Índia



Verso da rupia assinada pelos colegas prisioneiros de guerra no campo dos Alperqueiros na Índia

Sabão não havia. Só havia água lá num tanque porque se ia buscar para ali nuns reboques. Deitavam água nos tanques, a gente ia lá, despia a roupa e lavava-a. Aquilo secava depressa com o calor. Estávamos ali a guardar a roupa, depois de secar metíamos no corpo. Era assim porque não havia sabão, não havia nada. Quando a gente a vestia, depois de a lavar, parecia um pau. Daí a uns três meses foi lá um enviado do Papa é que nos levou umas lâminas, umas Gilletes, sabão, sabonetes e depois já a malta se lavava com o sabão e tal.

A gente passou ali muito mal. Estivemos a viver numa incerteza. Uns dias diziam que nos iam matar, amanhã diziam que nos levavam lá para Bombaim para nos matar. Foi muito difícil pela incerteza que se vivia dentro do campo. Porque corria hoje um boato:

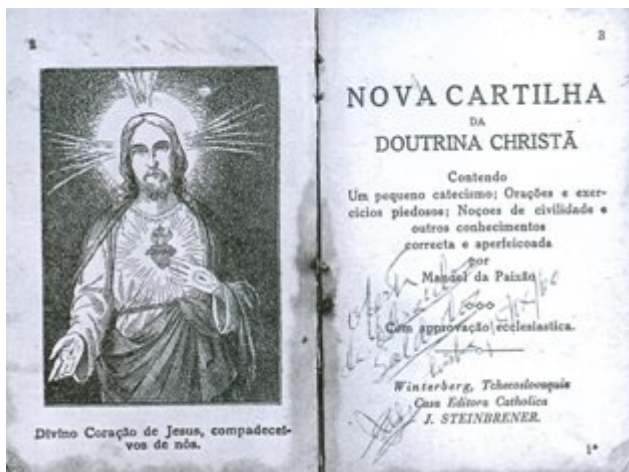
- "Olha, amanhã vão-nos levar para tal sítio vão-nos matar. Amanhã vamos para tal sítio..."

Estávamos tão passados que as pessoas não se importavam de matar, de porrada. Era assim que se vivia dentro do campo de prisioneiros. Muito mal. Estive cinco meses prisioneiro. Acho que ainda passou uns dias. Foi desde 19 de Dezembro de 1961 a, mais ou menos, 15 de Maio.

Houve ordem de libertação em Maio. Eu por acaso fui uma das últimas pessoas a sair de lá, porque eu andei a transportar os meus colegas para o aeroporto. Foram dois aviões fretados a França que nos foram buscar ao Aeroporto de Goa para Carachi, para o Paquistão. Depois foram os barcos portugueses buscar-nos a Carachi. Como se passou aquilo com os oficiais, só havia um que vinha lá ao pé da gente. Eles vinham lá no cimo do campo e a malta corria-os à pedrada e tudo porque eles fizeram-nos sofrer muito ali dentro do campo. Dantes a malta nem ia trabalhar. Depois daquilo acontecer, ia toda a

gente trabalhar. Sofremos muito com essa situação. Mas assim que entrámos em Carachi nos barcos, havia logo disciplina militar.

Chegámos a Alcântara, esse nosso amigo, o Salazar, meteu-nos nuns vagões de mercadorias. Eu tive sorte, fiquei logo ali na estação do Rego porque ia para o TREN Auto lá em Lisboa, mas pessoas que foram para o Porto, para Braga e para Elvas, foram numa coisa dessas de mercadorias deitados ali no chão como cães. Porque ele queria que a gente morresse lá todos. Dizia que era mais bonito para Portugal se a gente tem lá ficado todos que nos termos rendido. Acho que saí da tropa a 25 de Maio.



Nova Cartilha da Vida Cristã oferecida na Obra do Soldado na Índia

A Casa do Conto

Voltei para Lisboa e fiquei até 2001. Quando vim da tropa, fui trabalhar para a estiva para o porto de Lisboa, carregar e descarregar navios. Lá ganhava-se bem, não se ganhava mal não. Aquilo, por exemplo, a gente ia de manhã, chamavam Casa do Conto, que era ali ao pé de Santa Apolónia. De manhã às seis horas a gente já lá estava que era para sermos contados, a ver se havia trabalho dos navios. A gente andava ali a ver se havia um diazito para ganhar porque muitas vezes íamos lá e não havia nada.

"Perturbado da cabeça"

Houve um dia que eu fui descarregar bidões de 200 litros de óleo e aí ganhávamos mais 50%. Havia lá um rapaz amigo que lá arranjou e passou-se uma história. Fui eu mais uns, acho que éramos quatro. Vinham os bidões nos guindastes e a gente tinha que os arrumar. Então, diz-me assim um deles:

- "Eu ando aqui já há uns 20 dias que não ganho aqui um dia. Isto anda mau. Hoje é 50% tu não me aleijavas aqui uma mão?"

Ora eu como ainda andava perturbado de vir lá do campo de prisioneiros:

- Ah pois isso é para já.

Fui buscar um paralelo:

- Põe a mão em cima do bidão.

Pôs ali a mão, mandei-lhe uma marretada, parti-lhe a mão toda. Escavaquei tudo. Andou lá no hospital, fez quatro ou cinco operações à mão e depois foi indemnizado. Levou uma indemnização grande porque andava a trabalhar com mais 50%. A mão nunca mais. Depois vi-o mais tarde e ele disse assim:

- "Tu fizeste uma coisa boa. Agora estou reformado, estou a ganhar bem e ali andava a sofrer que não ganhava lá. Ia trabalhar dois ou três dias por mês e assim agora já estou orientado."

- Pronto, está bem.

Mas só lhe fiz isso porque eu vinha perturbado da cabeça. Esse foi o episódio que passou lá.

Uma passagem pela CUF

Fui trabalhar para uma empresa que era do grupo CUF. Era uma fábrica em Alcains das farinhas de milho. Era motorista, corria as padarias todas desde as Caldas, pela aquela área de Lisboa. Levava um ajudante comigo e ia pelas padarias ver o que é que precisavam, com uma carrinha.

Depois fui trabalhar para a Compal, também era uma empresa da CUF. Lá para o armazém de Lisboa, mas vinha a Almeirim, ao Entroncamento. Desde o início da Compal. Lembro-me que nessa altura só havia um sumo. Era o sumo de laranja amarga, quando eu fui para lá. Trabalhei no armazém na distribuição. Fazia distribuição praticamente por todo o país.

Fui para a Lisnave. Na Lisnave já era melhor. Andei a trabalhar lá como motorista, na secção de Transportes. Trabalhava com os guindastes. Cheguei a trabalhar com guindastes de 200 e 500 toneladas, que levantavam. Passei uns tempos também lá a chefiar.

Taxista Presidente

Comprei um táxi no Cacém. Em 1982 vim tomar conta daquilo, lá do táxi e das pessoas. Foi a minha vida até 2000. Naquele tempo tinha o táxi e fui Presidente da Rádio Táxi, uns anos. Fui Presidente da assembleia-geral e Delegado da ANTRAL no Concelho de Sintra, também vários anos.

Em 2000 fui assaltado. Puseram-me uma faca ao pescoço, era o sangue a correr... Nessa altura já tinha formado uma firma que era a firma Auto Táxi Mira Serra, Lda e tomei uma opção. Havia lá uns senhores, um até era meu motorista, queriam comprar a firma e ao outro dia disse assim:

-Olha, tenho a firma à venda.

- "Ai a gente compra."

- Pronto. Vamos lá.

Daí por uns dias fiz a escritura e depois vim para cá, para Foz d'Égua. Regressei aqui às minhas origens e por aqui estou.

Regressei para aí com 63 anos.

Costumes Adeptos da confraternização

Clube dos Amigos da Foz d'Égua

Fazemos uma festa anual do Clube dos Amigos de Foz d'Égua, que eu sou o Presidente, em Agosto. Por norma as festas aqui são todas em Agosto, costuma ser sempre o dia 15. Mas este ano já não foi. Nem fizemos festa porque faleceu aqui a mãe do Fernando, uma senhora que era daqui. Como a gente somos uma aldeia pequena, somos todos família parecia mal realmente a gente fazer a festa. Já se fez mais vezes, quando há uma pessoa que nos deixa, a gente não faz a festa. Guardamos em memória deles.

Para o ano, não vai ser o dia 15, vai ser o dia 9 porque o dia 15 são as festas no Piódão e eu faço parte de lá da Comissão Fabriqueira da Igreja e depois não podia estar aqui. Não posso "ser santo" em dois altares. Então, vai ser o dia 9 e lá no Piódão vamos ter festa o dia 14, 15 e 16.

Antigamente não havia cá festa. Depois de se criar o Clube, em 1991, é que se começou a fazer as festas, o convívio com as pessoas. Temos um leque bom de sócios. As pessoas vêm, fazemos o almoço anual no dia 15. Enfim, um dia de confraternização para todos os sócios do clube e amigos.

Música e porcos assados

Este ano fizéramos festa ali no Piódão. Já não se fazia há sete, oito anos ou nove. O ano passado a gente entrou lá para a Comissão Fabriqueira da Igreja já muito tarde. Entrámos em Março. Fizemos um convívio que déramos almoço a 200 e tal pessoas e foi bom. Isto o ano passado. Este ano já foi melhor. Tivemos uma filarmónica, a Filarmónica de Pomares, tivemos um conjunto Jovisom e depois da procissão, tivemos dois porcos assados. Demos almoço a 270 pessoas, 235 a pagar. Pagaram 6 euros por pessoa, que foi barato e 35 grátis que foi para a música e assim.

"À volta de 300 bolas"

Participamos também na Feira das Freguesias do Concelho de Arganil. Este ano a participação daqui da Foz d'Égua não foi muito grande. Na altura a minha sogra estava no hospital em Coimbra e tinha que ir para lá todos os dias e não foi assim muito grande a nossa participação. O ano passado fizemos em três fornos que temos aqui, todas as bolas com chouriço, com carne, com sardinha. Fizemos à volta de 300 bolas lá para a Feira. Fizemos filhoses, arroz-doce, tudo feito aqui na Foz d'Égua. Para o ano que vem se Deus quiser também já vamos fazer isso em Junho. Todas as freguesias têm lá a sua tasquinha para expor os seus produtos.

"A maior romaria das beiras"

Antigamente as pessoas vinham a pé. Onde havia um programa bom as pessoas iam. Mas a maior romaria que havia aqui na zona era a Senhora das Preces. Eu lembro-me que vinha gente da Beira Baixa, do Fundão, de um lado e doutro, pelas serras, a pé. Com os cestos e com os cabazes do comer à cabeça. Vinham a pé lá para o Vale de Maceira. Havia várias tascas aí na serra. Bancas que vendiam cerveja e outras bebidas. Eu lembra-me, era miúdo, quando faziam lá uma em cima que até era uma pessoa aqui da Foz d'Égua, que era o tio Felisberto. A malta íamos lá roubar os pirolitos. Ele deixava-os lá no meio do

mato e só as cervejas é que não bebíamos que amargavam. Era a maior romaria aqui das beiras só que depois, apareceu Fátima e mataram esta romaria.

Agora aquilo já é quase uma feira. Foi uma pena, porque aquilo era a maior romaria que havia aqui nas beiras. Às vezes, havia pessoas que demoravam dois, três dias. Três dias antes da romaria já havia corrupio de pessoas a passar aí na serra, com a merenda à cabeça.

Aquilo é muito lindo, aquela vida de Cristo como em Braga. Não é tão boa como a de Braga, mas é quase. Tem uma capela aqui no alto que é a Senhora das Necessidades que tem uma vista, então à noite, é uma vista fabulosa, é espectacular. De dia é bonito porque dali tem uma vista, um panorama até à Serra do Buçaco. Toda esta área, de noite com as luzes é espectáculo.

Lugar *Um olhar sobre o passado*

Há várias coisas típicas aqui da zona. Há as casas de xisto, as pontes romanas. A Senhora do Colcorinho. Para a área da gastronomia é a chanfana, as filhoses, várias coisas. É uma terra muito bonita e que era o cartão de visita da freguesia do Piódão. E está tudo dito, não é?

"Sem comparação possível"

Antigamente era uma vida rude. A gente queria ir para o Piódão, queria ir para Vide, queria ir para Arganil tinha que se ir a pé. Ou então, para ir para Arganil tinha que se ir apanhar uma camioneta que havia em Pomares, que se demorava daqui umas três horas a pé para Pomares. E hoje não. Hoje toda a gente tem o seu automóvel, toda a gente anda de carro. Só cultivava umas batatitas ou uns feijões, assim uns mimos para se ter porque não há aqui praça todos os dias. Todas as semanas vou a Oliveira fazer compras, a minha mulher vai arranjar o cabelo, mas não há para o dia-a-dia. Então a gente tem que ter umas alfaces, umas couves, pronto. Dantes tinha que se trabalhar de dia e de noite para se poder arranjar a sobrevivência, para se poder cultivar o milho, as batatas porque só se vivia daquilo, só se comia daquilo. O porco para ter alguma carnita, às vezes já se comia assim meia amarela de estar lá no sal. Portanto, não tem comparação possível de um tempo para o outro.

Aqui só havia pessoas a trabalhar na agricultura. Costureiras eram todas as mulheres porque tinham que fazer as suas roupas. Compravam pano na feira da Vide e faziam as suas roupinhas. Tinham máquinas em casa e faziam a sua roupa e para os filhos. Não havia pão aqui na aldeia. Cada um cozia a broa, uma vez

por semana, e havia pão para toda a semana e quando havia. Às vezes acabava-se e só havia sopa para comer.

Antigamente todas as pessoas iam buscar água à fonte. Por acaso, o meu pai, ia buscar a uma fonte que há por baixo da casa, que até é minha. A gente de manhã pegava na toalha e íamos lá lavar, à fonte. Era assim. Porque agora é que temos o abastecimento de água. Vem água lá da Senhora do Colcorinho, de pé de uma estrada que há lá por cima. Vem por a conduta por ali abaixo. Temos a fonte do Santo António. A água pode-se beber, mas é mais para regas e tudo.

A carreira e o correio

À feira da Vide ia-se a pé e vinha-se. Comprava-se lá as batatas para semear e o sal para casa. Para salgar o porco era sacos de 30 quilos e trazia-se tudo às costas lá debaixo para cima, lá da Vide. Demoravam umas duas horas e tal porque são à volta de 9 quilómetros. Há uma carreira para o Piódão uma vez por semana e ao domingo também há. Mas ao domingo quase que ninguém utiliza. É à quinta-feira que é por causa da feira em Arganil. Depois de eu cá estar, eu vou lá pô-los e vou lá buscá-los, senão tinham que vir a pé. Agora, actualmente, são 11 quilómetros e meio a dar a volta, senão são 4 e meio. Porque esta estrada está estragada. Desde que veio as enxurradas nunca mais arranjaram, parece que vão arranjar agora. Não há passagem lá para o Piódão.

Correio vem todos os dias. Antigamente vinha o correio numa senhora do Piódão que é uma tal Laurinda. Ia buscar o correio a Pomares e trazia o correio para o Piódão. Dali havia outra pessoa que vinha trazer ao Chãs d'Égua e vinha trazer aqui, a pé.

Muita, muita gente

As quintas temos a Covita, Foz de Barreiros e Eira da Bouça. Depois, os Moinhos e os Pés Escaldados. Já tiveram maior impacto porque já viveu lá muita gente. Muita gente, muita gente. Nos anos 50 e 60, vivia por exemplo, aqui na Covita viviam para aí 30 pessoas. Nos Barreiros vivia também gente. Nos Moinhos e nos Pés Escaldados vivia muita gente. Só uma família nos Pés Escaldados tinha uns oito filhos ou nove, a quase todas as famílias tinham. Viviam lá quatro famílias.

Eu era Presidente da União Progressiva de Chãs d'Égua, na altura que veio a luz. Nessa altura lutei muito para que isso acontecesse. O dia que veio a luz, nem sei se estava cá. Eu estava em Lisboa, mas o dia que a acenderam, acho que vim cá. Eu já não notei muitas diferenças porque eu já não vivia cá, então

estava habituado à luz. Mas as pessoas que realmente estavam aqui, que nunca tinham saído daqui, esses notaram uma diferença muito grande. A gente tinha o candeeiro ali ao pé do lume, a cheirar a petróleo e tinha que ser, não havia outra coisa. Não havia outra luz, para passar um bocadito ao serão, antes de ir para a cama.

Estou sempre a tentar fazer coisas aqui. Eu, por exemplo, ajudei a fazer o projecto do cemitério, o projecto desta estrada, tudo passou por mim. Fui centenas de vezes à Junta Autónoma das Estradas, ao Gabinete da Ponte sobre o Tejo, tratar desta estrada. Ia lá todas as semanas. Ia lá ter com o engenheiro, que era o Chefe da Secção, o engenheiro Santinho. Quando veio o 25 de Abril diz ele assim:

- "Fala-se para aí em comunistas mas os verdadeiros comunistas são vocês que vêm aqui todas as semanas, às vezes duas vezes, chatear-me a cabeça para que ponha lá a estrada na sua terra."

Fizemos o abastecimento de água, fizemos várias coisas, inclusive o telefone. Trouxe o telefone. Das águas também tivemos uma luta muito grande. Isso foi na organização de Coimbra, lá com aqueles engenheiros todos. Íamos lá fazer deslocações todos os meses quase para se lutar. Dantes a gente, as comissões de melhoramentos, é que tínhamos que lutar por os melhoramentos daqui. Agora não. Agora são as autarquias que resolvem. Eu penso que agora, altura das comissões de melhoramentos acabou. Agora as comissões de melhoramentos têm que se virar para a área social. Para o bem-estar das pessoas aqui nas aldeias. Porque agora as autarquias é que fazem. É preciso uma ponte, são as autarquias que fazem, é preciso um barranco... e dantes eram as comissões de melhoramentos porque as autarquias não tinham dinheiro, não tinham poder para fazer essas coisas.

Filosofia *Uma maneira de ver e de perservar*

Gosto que venham à aldeia, que venham ver. Passam muitos aqui. Às vezes, ofereço um copo e eles aceitam. Convivo um bocado aí com as pessoas que passam também. Quando não ando a trabalhar. Hoje, no dia-a-dia entretenho-me é na agricultura. Se quiser trabalhar, tenho muito que fazer. Aí há sempre que fazer.

Sonhos Para a frente é que é caminho

Agora a minha vida já não é para sonhos. Isso são coisas que já passaram e que não vale a pena. Fiz o que tinha a fazer e ainda estou aqui para fazer algumas coisas. Para ir em frente, à luta por algumas coisas. Há muita coisa que ainda gosto de fazer e que se surgir a oportunidade vou avançar, vou para a frente. Viagens já fiz algumas. Já fui ao Brasil várias vezes, mas gostava de viajar.

Avaliação Valorizar o património

Eu acho que tenho uma opinião boa, porque isto só vem valorizar aqui o nosso património. Faço votos para que isto corra bem e que levem este projecto pela frente ou até ao fim e agradeço por virem cá.